

A morte inevitável: cenas de leitura em Svetlana Aleksiévitich*

Isabella Lisboa**

Resumo: O presente trabalho busca relacionar os conceitos de “cena da escrita” e “cena da leitura” no primeiro capítulo do livro “A Guerra não tem rosto de mulher”, da escritora bielorrussa Svetlana Aleksiévitich. Nele a autora se questiona, num primeiro momento, sobre o porquê de estar escrevendo um livro sobre a Guerra. Ao longo do texto, ela se recorda do que havia lido na infância, que poderia ter lhe despertado este desejo.

Abstract: The present work seeks to relate the concepts of “scene of writing” and “scene of reading” in the first chapter of the book “The Unwomanly Face of War”, by the Belarussian writer Svetlana *Alexievich*. The author begins by asking why she is writing a book about the war. Throughout the text, she remembers what she had read as a child that might have been at the source of this desire.

Palavras-chave: Cenas da escrita; Cenas da leitura; Segunda Guerra Mundial; Svetlana Aleksiévitich

Keywords: Scenes of Writing; Scenes of Reading; Second World War; Svetlana *Alexievich*.

* Ensaio submetido em 14 de julho de 2019 e aprovado em 30 de agosto de 2019.

** Mestranda em Literaturas Modernas e Contemporâneas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: isabellalisboa@rocketmail.com

O ambiente catastrófico engendrado pelos conflitos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1939 e 1945, compôs algumas das cenas de leitura e das cenas de escrita da jornalista e escritora bielorrussa Svetlana Aleksiévitich, que tem na obra *A Guerra não tem rosto de mulher* uma de suas grandes produções artísticas. O livro de Aleksiévitich foi publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras, em 2016. Em suas 381 páginas, reúne relatos sobre a vida, a luta e a dor de centenas de mulheres neste momento fatídico da história da Guerra no século passado, que antes só era narrada sob a perspectiva de generais, soldados, algozes e libertadores.

As várias narrativas das sobreviventes constituem a maior parte do livro, mas em algumas brechas deixadas pela autora em aberturas de capítulos, em descrições de espaços, em interlocuções em meio a algumas falas, o leitor mais atento pode encontrar a “voz” de Aleksiévitich. A jornalista não ocupa apenas um papel de repórter imparcial dessas histórias, realizando na obra a transcrição das falas, mas decide marcar o seu traço e o seu espaço nessa composição do que viria a se tornar o premiado romance-reportagem sobre essas narrativas silenciadas pela história hegemônica mundial.

Em uma primeira brecha deixada logo no início do livro, a autora coloca uma questão para o leitor, e me arrisco a dizer que para si própria, quando diz: “Estou escrevendo um livro sobre a guerra... Eu, que nunca gostei de ler livros de guerra, ainda que, durante minha infância e juventude, essa fosse a leitura preferida de todo mundo”. Neste momento o leitor é transportado para esse tempo distante da infância, em que a pequena Svetlana era uma leitora que não tinha por esse tipo de literatura o interesse que posteriormente viria a adquirir. O tema da guerra e o tema da morte se tornam o foco principal de suas obras.

Além disso, neste seu movimento de recuperação das memórias, começamos a ver o surgimento da leitura neste “*topos da infância*”, que, nas narrativas dos livros de memórias, como aponta a pesquisadora Myriam Ávila, tem uma série de características comuns quando abordam essa época da vida:

Esse topos é de tal forma codificado que faz o restante da experiência lembrada, juventude, maturidade, velhice, parecer completamente destacada, – em termos de representação, de estrutura, de estilo, enfim, – da narrativa da chamada “primeira quadra” da vida. O relato da infância costuma se distanciar tanto das demais lembranças que vários autores preferiram dedicar-lhe um volume separado, quando não resumiram suas memórias a apenas esse período.¹

Ainda de acordo com Ávila, o peso da palavra infância impregna a narrativa de exemplaridade, de autenticidade e sinceridade, “traços do verdadeiro eu”:

Todo relato memorialístico da infância de um escritor (persona social) traz, portanto, uma cena em que um texto literário ou um livro estabelecem a indissolúvel ligação dessa criança com um destino literário. A “cena da leitura” pode ser acompanhada ou combinada com uma “cena da escrita”.

No caso de Aleksiévitich, ao voltar o olhar para o passado e suas reminiscências, esse aspecto ainda adquire mais um tema, que fazia parte do cotidiano, da infância, da vida do pós-guerra, que acabou por ser inevitável em sua obra, o tema da morte:

Qual é minha primeira lembrança da guerra? Minha tristeza infantil entre palavras assustadoras e incompreensíveis. Estavam sempre relembrando a guerra: na escola e em casa, nos casamentos e batizados, nos feriados e velórios. Até nas conversas das crianças. Um menino da vizinhança uma vez me perguntou: “O que as pessoas fazem embaixo da terra? Como elas vivem lá?”. Nós também queríamos decifrar o mistério da guerra. Foi então que comecei a refletir sobre a morte... E nunca mais parei de pensar nela, tornou-se para mim o principal mistério da vida.²

Aleksiévitich ainda nos mostra um pouco de sua própria história, de como a sua família e todo o seu vilarejo haviam sido

¹ ÁVILA, 2006, p.1.

² ALEKSIÉVITCH, 2016, p.9.

afetados pela Guerra. Ela relata sobre os familiares mortos no *front*, ou no exército *partisan*: “Onze parentes distantes, junto com os filhos, foram queimados vivos pelos alemães – uns em sua casa, outros na igreja da vila. Em todas as famílias acontecia o mesmo. Em todas”.³

Após nos ambientar em todo o seu espaço de concepção, a história que ela conhecia muito de perto, a escritora nos oferece a explicação para a motivação, se é que podemos assim expressar, para a criação da obra e de onde surgira; a descrição da sua cena de leitura. Poderíamos dizer que ela realiza um movimento contrário ao esperado, ao nos questionarmos sobre a “inspiração”. Ela não nos conta, logo de início, sobre os seus métodos, inspirações ou fórmulas, o que sempre questionamos em um autor de sucesso para entender de onde surgiram, quase como se quiséssemos uma explicação divina sobre a concepção daquela obra.

Algumas páginas adiante, Aleksiévitich adiciona a essa cena de leitura o ambiente da biblioteca como um “espaço de respostas” para justificar o fato de estar escrevendo um livro de guerra:

Na biblioteca da escola, metade dos livros era sobre a guerra. Tanto na biblioteca rural quanto na do distrito, onde meu pai sempre ia pegar livros. Agora, tenho uma resposta, um porquê. Como ia ser por acaso? Estávamos o tempo todo em guerra ou nos preparando para ela. E rememorando como combatíamos.⁴

Sylvia Molloy em *Vale o escrito – a escrita autobiográfica na América hispânica* destaca o ato de ler nas lembranças dos autobiógrafos hispânicos como uma estratégia frequente para uma “cena primária textual” em que “o encontro do sujeito com o livro é crucial: o ato de ler é frequentemente dramatizado, evocado em uma particular cena de infância que subitamente confere sentido a toda a vida”. Ela continua: “Esta mímica infantil poderia ser vista como a cena de leitura *à le’tat pur*, o gesto básico – a pose teórica – esperando por um objeto

³ Ibidem, p.10.

⁴ Ibidem, p.11.

que irá complementá-lo e dar a ele pleno sentido”.⁵ Em Aleksievitch essa cena é construída aos poucos, primeiro com a ambientação dos lugares e o clima em que esse tempo da infância se passou:

Por muito tempo fui uma pessoa dos livros: a realidade me assustava e atraía. Desse desconhecimento da vida surgiu uma coragem. Agora penso: se eu fosse uma pessoa mais ligada à realidade, teria sido capaz de me lançar nesse abismo? De onde veio tudo isso: do desconhecimento? Ou foi uma intuição do caminho? Pois a intuição do caminho existe...

E então ela nos relata que, após uma intensa agonia em busca de um “gênero que respondesse à forma como vejo o mundo, como se estruturam meus olhos, meus ouvidos”, a leitura, de alguma forma, pode ter desencadeado tal desejo de escrever as histórias que assombravam a sua infância.

O livro *Eu venho de uma vila em chamas* (Я из огненной деревни), do escritor soviético Alés Adamovitch, fala sobre o incêndio de 9.200 aldeias bielorrussas queimadas pelos nazistas durante os anos da Grande Guerra Patriótica, com um total de 4.258 pessoas mortas em suas casas. No livro há fotografias da Grande Guerra Patriótica do Arquivo Central Estatal Bielorrusso de Cinema e Documentos Fotográficos dos fundos do Museu Bielorrusso da História da Grande Guerra Patriótica.

Aleksievitch relata que, anos mais tarde, Adamovich viria a se tornar seu professor. Um importante destaque que a autora decide fazer em seu próprio livro, como se quisesse sublinhar a importância da história construída pelo professor naquele momento de sua vida, a importância de seus ensinamentos sobre o que era preciso para que pudesse fazer seu próprio livro:

Só tinha sentido essa estupefação uma vez, ao ler Dostoiévski. Tinha uma forma incomum: um romance constituído a partir de vozes da própria vida, do que eu escutara na infância, do que agora se escuta na rua, em casa, no café, no trólebus. É isso! O círculo se fechou. Achei o que estava procurando. O que estava pressentindo.⁶

⁵ MOLLOY, 2003, p.33.

⁶ ALEKSIÉVITCH, Op. cit., p.11.

Phillipe Artières, que em *Arquivar a Própria Vida* discute o conceito de “arquivar a própria vida” por meio de lembranças, reúne algumas páginas manuscritas sob um mesmo título: *Minhas lembranças de infância*:

Esse lugar podemos apenas imaginá-lo, pois se, como observava G. Perec, “existem poucos acontecimentos que não deixam ao menos um vestígio escrito. [Se] Quase tudo, em algum momento, passa por um pedaço de papel, uma folha de bloco, uma página de agenda, ou não importa que outro suporte ocasional sobre o qual vem se inscrever, numa velocidade variável e segundo técnicas diferentes, de acordo com o lugar, a hora, o humor, um dos diversos elementos que compõem a vida de todo dia”, não conservamos senão uma parte ínfima de todos esses vestígios.⁷

Artières ainda aborda neste trabalho a intenção autobiográfica, que, no caso de Aleksiévitich, podemos tentar explicar através de toda a ambientação em sua cena de leitura, que daria origem à cena da escrita, já que não são as memórias dessas mulheres que ela escreve, mas as suas próprias:

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.

Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu.⁸

Por fim, os temas da morte e da guerra predominam em todos os relatos que constituem a obra de Aleksiévitich. A partir de suas próprias perspectivas, mulheres contam sobre o sofrimento daquele momento, selecionando o que lhes era conveniente relatar para a jornalista e o que merecia ser revisitado, em suas memórias, para ocupar as páginas de um livro que

7 ARTIÈRS, 1998, p.10-11.

8 Ibidem, p.11.

seria lido por diferentes pessoas, pessoas que viveram o mesmo momento histórico, assim como aquelas que não viveram o mesmo momento histórico mas que, de alguma forma, poderiam encontrar Aleksiévitich em meio a todas aquelas “cartas, bilhetes, rasuras, manuscritos”, realizando o mesmo exercício de todas aquelas mulheres:

Nunca tínhamos vivido de outra forma, talvez nem saibamos como fazer isso. Não imaginamos outro modo de viver, teremos que passar um tempo aprendendo. Na escola, nos ensinavam a amar a morte. Escrevíamos redações dizendo como queríamos morrer em nome de... Sonhávamos com isso... Mas as vezes na rua gritavam outras coisas, me atraíam mais.⁹

Então, como assinalado acima por Ávila, o que podemos destacar de muito característico na obra de Aleksiévitich é a sua busca pelo “verdadeiro eu”. Logo no início de sua obra, a autora decide retomar a sua infância e investigá-la, juntamente com o leitor, assinalando um interesse pelo tom memorialístico e, arrisco-me a dizer, testemunhal, ou até mesmo autobiográfico, entrelaçando esses vários discursos para justificar todo o percurso que culminou em *A Guerra não tem rosto de mulher*. A autora implica todo o seu texto em sua infância traumatizada pela Guerra como sendo este o espaço inevitável de concepção e a morte sendo seu principal tema.

Referências bibliográficas

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A Guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ÁVILA, Myriam. “A cena da leitura nas memórias de infância”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, v. 26, n. 35, p. 29-37, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6639>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito. A escrita autobiográfica na América hispânica* (Trad. de Antônio Carlos Santos). Chapecó: Argos, 2003.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. *Revista Estudos*

Históricos, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 22 Jun. 2019.